

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey

Em colaboração com

ANNA FREUD

Assistido por

ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XVI

(1916-1917)

CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE
PSICANÁLISE
(PARTE III)

*Traduzido do Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral
e Revisão Técnica de*

JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio
de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica
de Grupo do Rio de Janeiro.

Coordenação Editorial de
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

1,80

CONFERÊNCIA XXIII

OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOS SINTOMAS

SENHORAS E SENHORES:

Para os leigos, os sintomas constituem a essência de uma doença, e a cura consiste na remoção dos sintomas. Os médicos atribuem importância à distinção entre sintomas e doença, e afirmam que eliminar os sintomas não equivale a curar a doença. A única coisa tangível que resta da doença, depois de eliminados os sintomas, é a capacidade de formar novos sintomas. Por esse motivo, no momento adotaremos a posição do leigo e suporemos que decifrar os sintomas significa o mesmo que compreender a doença.

Os sintomas — e, naturalmente, agora estamos tratando de sintomas psíquicos (ou psicogênicos) e de doença psíquica — são atos, prejudiciais, ou, pelo menos, inúteis à vida da pessoa, que por vezes, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento. O principal dano que causam reside no dispêndio mental que acarretam, e no dispêndio adicional que se torna necessário para se lutar contra eles. Onde existe extensa formação de sintomas, esses dois tipos de dispêndio podem resultar em extraordinário empobrecimento da pessoa no que se refere à energia mental que lhe permanece disponível e, com isso, na paralisação da pessoa para todas as tarefas importantes da vida. Como esse resultado depende principalmente da *quantidade* da energia que assim é absorvida, os senhores verão facilmente que 'ser doente' é, em essência, um conceito prático. Se, contudo, assumirem um ponto de vista teórico e não considerarem essa questão de quantidade, os senhores podem muito bem dizer que *todos* nós somos doentes — isto é, neuróticos —, pois as condições da formação dos sintomas também podem ser observadas em pessoas normais.

Já sabemos que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido [pág. 408]. As duas forças que entraram

em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado. É por essa razão, também, que o sintoma é tão resistente: é apoiado por ambas as partes em luta. Também sabemos que um dos componentes do conflito é a libido insatisfeita, que foi repelida pela realidade e agora deve procurar outras vias para satisfazer-se. Se a realidade se mantiver intransigente, ainda que a libido esteja pronta a assumir um outro objeto em lugar daquele que lhe foi recusado, então a mesma libido, finalmente, será compelida a tomar o caminho da regressão e a tentar encontrar satisfação, seja em uma das organizações que já havia deixado para trás, seja em um dos objetos que havia anteriormente abandonado. A libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação que deixou após si nesses pontos do seu desenvolvimento.

O caminho que leva à perversão se destaca nitidamente daquele que leva à neurose. Se essas regressões não suscitam objeção por parte do ego, não surgirá neurose alguma; e a libido chegará a alguma satisfação real, embora não mais uma satisfação normal. Entretanto, se o ego, que tem sob seu controle não só a consciência, mas também o acesso à inervação motora e, por conseguinte, à realização dos desejos mentais, não concordar com essas regressões, seguir-se-á o conflito. A libido, por assim dizer, é interceptada e deve procurar escapar em alguma direção na qual, de acordo com as exigências do princípio de prazer, possa encontrar uma descarga para suas catexias de energia. Ela deve retirar-se do ego. Uma saída dessa espécie é-lhe oferecida pelas fixações situadas na trajetória do seu desenvolvimento, na qual agora entrou regressivamente — fixações das quais o ego se havia protegido, no passado, por meio de repressões. Catexizando essas posições reprimidas, à medida que se desloca para trás, a libido se retirou do ego e afastou-se de suas leis e, ao mesmo tempo, renunciou a toda a educação que adquiriu sob influência do ego. Era dócil somente enquanto a satisfação lhe acenava; mas, sob a dupla pressão da frustração externa e interna, torna-se refratária e relembra épocas anteriores e melhores. Tal é o caráter fundamentalmente imutável da libido. As idéias, às quais agora transfere sua energia em forma de catexia, pertencem ao sistema do inconsciente e estão sujeitas aos processos que ali são possíveis, sobretudo condensação e desloca-

mento. Estabelecem-se, assim, condições que se assemelham totalmente àquelas existentes na construção onírica. O sonho propriamente dito, que foi completado no inconsciente e que é a realização de uma fantasia inconsciente constituída de um desejo, enfrenta uma parcela de atividade (pré-)consciente que exerce o papel de censura e que, quando foi preservada, permite a formação do sonho manifesto em forma de um acordo. Do mesmo modo, aquilo que representa¹ a libido no inconsciente tem de contar com a força do ego pré-consciente. A oposição formada contra ela no ego persegue-a como se fora uma 'anticatexia'² e compele-a a escolher uma forma de expressão da própria oposição. Assim, o sintoma emerge como um derivado múltiplas-vezes-distorcido da realização de desejo libinal inconsciente, uma peça de ambigüidade engenhosamente escolhida, com dois significados em completa contradição mútua. Quanto a esse último aspecto, porém, há uma distinção entre a construção de um sonho e a de um sintoma. Isso porque, na formação onírica, o propósito pré-consciente visa simplesmente a preservar o sono, não permitir que algo que venha a perturbá-lo possa irromper na consciência; não insiste em bradar claramente: 'Não, pelo contrário!' ao impulso inconsciente pleno de desejos. Consegue ser mais tolerante porque a situação de alguém que dorme é menos perigosa. O estado de sono, por si mesmo, impede qualquer saída em direção à realidade.

Os senhores percebem, então, que o escape da libido, em condições de conflito, se torna possível pela presença de fixações. A catexia regressiva dessas fixações consegue contornar a repressão e leva à descarga (ou satisfação) da libido, sujeita às condições de um acordo a serem observadas. Pelo caminho indireto, via inconsciente e antigas fixações, a libido finalmente consegue achar sua saída, até uma satisfação real —

¹ ['*Vertretung*'], isto é, o representante, em termos psíquicos, da libido considerado como algo somático. Uma discussão mais completa desse conceito será encontrada na Nota do Editor Inglês a 'Os Instintos e suas Vicissitudes' (1915c), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XIV, págs. 129-30, IMAGO Editora, 1974, e especialmente na nota de rodapé da pág. 130.

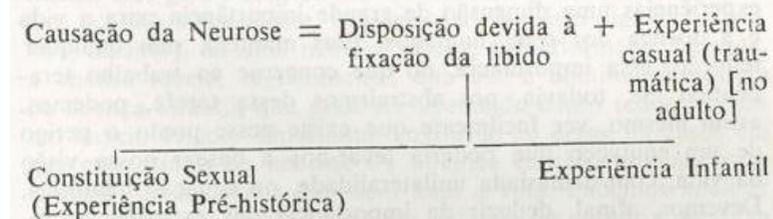
² [Isto é, uma força agindo em sentido contrário à energia instintual primária. Ver Seção IV de 'O Inconsciente' (1915e), *ibid.*, Vol. XIV, pág. 208, IMAGO Editora, 1974.]

embora seja uma satisfação extremamente restrita e que mal se reconhece como tal. Permitam-me acrescentar dois comentários a essa conclusão. Primeiro, gostaria que os senhores percebessem como aqui se mostram estreitamente interligados a libido e o inconsciente, de um lado, e, de outro lado, o ego, a consciência e a realidade, embora, de início, eles não sejam da mesma espécie, absolutamente. E, segundo, devo solicitar-lhes que tenham em mente que tudo quanto eu disse a esse respeito e acerca do que vem a seguir, refere-se apenas à formação dos sintomas na neurose de histeria.

Onde, pois, encontra a libido as fixações necessárias para romper as repressões? Nas atividades e experiências da sexualidade infantil, nas tendências parciais abandonadas, nos objetos da infância que foram abandonados. É a estes, por conseguinte, que a libido retorna. A significação desse período da infância é dupla: por um lado, durante esse período, pela primeira vez se tornam manifestas as tendências instintuais que a criança herdou com sua disposição inata; e, em segundo lugar, outros instintos seus são, pela primeira vez, despertados e postos em atividade pelas impressões externas e experiências casuais. Penso não haver dúvida de que existe justificativa para estabelecermos essa dúplice divisão. A manifestação das disposições inatas realmente não está sujeita a objeções críticas, mas a experiência analítica de fato nos leva a supor que experiências puramente casuais, na infância, são capazes de deixar atrás de si fixações da libido. E nisto não vejo nenhuma dificuldade teórica. As disposições da constituição também são indubitavelmente efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; também elas, em alguma ocasião, foram adquiridas. Sem essa aquisição, não haveria hereditariedade. E é concebível que uma aquisição dessa espécie, que conduz à herança, chegaria ao fim justamente na geração que estamos considerando? A importância das experiências infantis não deve ser totalmente negligenciada, como as pessoas preferem, em comparação com as experiências dos ancestrais da pessoa e com sua própria maturidade; pelo contrário, as experiências infantis exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes conseqüências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos. Os estudos sobre

os mecanismos do desenvolvimento, feitos por Roux¹ e outros, têm mostrado que a picada de uma agulha em uma camada germinal de um embrião no ato da divisão celular resulta em grave distúrbio do desenvolvimento. A mesma lesão infligida a um animal larvar ou inteiramente desenvolvido não causaria dano.

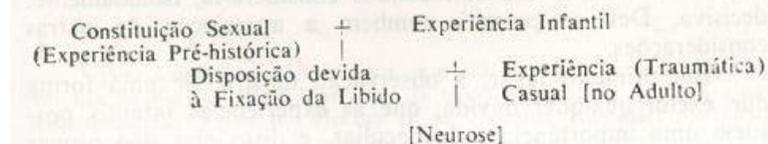
A fixação da libido de um adulto, que introduzimos na equação etiológica da neurose como representando o fator constitucional [pág. 405], agora se desdobra, para nossos propósitos, em mais dois componentes: a constituição herdada e a disposição adquirida no início da infância. Como todos sabemos, um diagrama tem certamente uma acolhida simpática junto aos estudantes. Por isso, vou resumir a situação com um diagrama:²



A constituição sexual hereditária apresenta-nos uma grande variedade de disposições, conforme seja herdado, com particular intensidade, um ou outro dos instintos parciais, sozinho ou em combinação com os outros. A constituição sexual forma, portanto, junto com o fator da experiência infantil, uma 'série

¹ [Wilhelm Roux (1850-1924) foi um dos fundadores da embriologia experimental.]

² [Os leitores podem achar esse diagrama mais fácil de seguir na forma de uma árvore genealógica:



complementar' exatamente semelhante àquela que já sabemos existir entre disposição e experiência casual do adulto [pág. 406]. Em ambas as séries complementares encontramos os mesmos casos extremos e as mesmas relações entre os dois fatores considerados. E aqui levanta-se a questão de saber se os mais marcantes tipos de regressões libidinais — os que se fazem aos primeiros estádios da organização sexual — não poderiam ser predominantemente determinados pelo fator constitucional hereditário. Contudo, é melhor adiar a resposta a essa questão, até havermos sido capazes de apreciar uma série mais ampla de formas de doença neurótica.

Consideramos agora, detidamente, o fato de a investigação analítica mostrar que a libido dos neuróticos está ligada às suas experiências sexuais infantis. Assim, ela confere a essas experiências uma dimensão de grande importância para a vida e a doença dos seres humanos. Elas mantêm, sem qualquer redução, essa importância, no que concerne ao trabalho terapêutico. Se, todavia, nos abstrairmos dessa tarefa, podemos, assim mesmo, ver facilmente que existe nesse ponto o perigo de um equívoco que poderia levar-nos a basear nossa visão da vida, com demasiada unilateralidade, na situação neurótica. Devemos, afinal, deduzir da importância das experiências infantis o fato de que a libido a elas retornou *regressivamente*, após haver sido expulsa de suas posições posteriores. Nesse caso, torna-se muito tentadora a conclusão inversa — a de que essas experiências libidinais não tiveram absolutamente nenhuma importância na época em que ocorreram, e apenas regressivamente a adquiriram. Os senhores se recordarão de que já consideramos uma alternativa similar em nossa discussão sobre o complexo de Édipo [pág. 392].

Outrossim, não acharemos difícil chegar a uma decisão. A assertiva de que a catexia libidinal (e, portanto, a significação patogênica) das experiências infantis intensificou-se grandemente pela regressão da libido, é indubitavelmente correta, porém induziria a erro se fôssemos considerá-la, isoladamente, decisiva. Deve-se permitir também a apreciação de outras considerações.

Em primeiro lugar, a observação mostra, de uma forma que exclui qualquer dúvida, que as experiências infantis possuem uma importância toda peculiar, e disto elas dão provas

já na infância. Também as crianças têm suas neuroses, nas quais o fator do deslocamento para trás, no tempo, é necessariamente muitíssimo reduzido ou até mesmo está completamente ausente, pois nelas o início da doença advém imediatamente após as experiências traumáticas. O estudo dessas neuroses infantis protege-nos de mais um equívoco perigoso relativo às neuroses de adultos, na mesma medida em que os sonhos de crianças nos deram a chave da compreensão dos sonhos de adultos.¹ As neuroses de crianças são muito comuns, muito mais comuns do que se supõe. Muitas vezes, elas deixam de ser notadas, são consideradas sinais de uma criança má ou arteira, muitas vezes, também, são mantidas em estado de sujeição pelas autoridades responsáveis pelas crianças; porém, sempre podem ser reconhecidas, retrospectivamente, com facilidade. Em geral, surgem sob a forma de *histeria de angústia*. Em ocasião subsequente, saberemos o que isto significa [pág. 467, adiante]. Se uma neurose emerge posteriormente na vida, a análise revela, regularmente, que ela é continuação direta da doença infantil, que pode ter aparecido como sendo apenas um indício velado. Entretanto, conforme eu disse, há casos em que esses sinais de neurose na infância continuam ininterruptamente numa doença que dura toda a vida. Pudemos analisar alguns exemplos dessas neuroses infantis na própria infância — quando estavam realmente presentes;² muito mais amiúde tivemos, porém, de contentar-nos com o caso de alguém que adoeceu na vida adulta, possibilitando-nos obter uma compreensão diferida de sua neurose da infância. Em tais casos, não devemos deixar de fazer algumas correções e de tomar determinadas precauções.

Em segundo lugar, devemos pensar que seria inconcebível a libido regredir de forma tão regular ao período da infância, a menos que haja ali algo que exerça sobre ela uma atração. A fixação, que supusemos estar presente em determinados pontos do curso do desenvolvimento, só tem significado se considerarmos que ela consiste na retenção de determinada quan-

¹ [Ver Conferência VIII. Aqui, sem dúvida Freud estava pensando em sua análise do 'Wolf Man', que já havia completado, embora ainda não publicada: 'From the History of an Infantile Neurosis' (1918b).]

² [Cf. o caso clínico do 'Little Hans' (1909b).]

tidade de energia libidinal. E, finalmente, posso assinar-lhes que, entre a intensidade e importância patogênica das experiências infantis e das experiências posteriores, existe uma relação complementar semelhante à série de que já tratamos. Existem casos em que todo o peso da causação recai nas experiências sexuais da infância, casos em que essas impressões exercem um efeito definitivamente traumático e não exigem nenhum outro apoio, nessa ação patogênica, além do que lhes pode proporcionar uma constituição sexual média e a circunstância de seu desenvolvimento incompleto. Paralelamente a esses casos, existem outros nos quais todo o acento recai nos conflitos posteriores; e verificamos, na análise, que a ênfase dada às impressões da infância aparece como sendo inteiramente obra da regressão. Assim, temos extremos de 'inibição de desenvolvimento' e de 'regressão', e, entre estes, todos os graus de combinação entre os dois fatores.

Esses fatos têm algum interesse do ponto de vista da educação, que planeja a prevenção das neuroses intervindo num estágio inicial do desenvolvimento sexual das crianças. Contudo que se dirija a atenção principalmente para as experiências sexuais infantis, deve-se supor que se tem feito tudo pela profilaxia das doenças nervosas mediante o cuidado de se adiar o desenvolvimento da criança e de esta ser poupada de experiências de tal espécie. Entretanto, já sabemos que as condições para a causação das neuroses são complexas e não podem ser influenciadas em seu todo, se tomarmos em consideração apenas um dos fatores. Uma proteção estrita da criança carece de validade por ser impotente contra o fator constitucional. Ademais, efetuar essa proteção é mais difícil do que a imaginam os educadores, e encerra dois novos perigos que não devem ser subestimados: o fato de ela poder ir fundo demais — de encorajar um excesso de repressão sexual com resultados prejudiciais — e o fato de ela poder enviar a criança ao encontro da vida sem qualquer defesa contra a avalanche de exigências sexuais que são de se esperar na puberdade.¹ Assim, continua sendo extremamente duvidoso saber até onde a profilaxia na infância possa ser executada com vantagens, e se

¹ [Freud esclareceu essa dificuldade na Conferência XXXIV das *New Introductory Lectures* (1933a), *Standard Ed.*, 22, 149.]

uma modificação de atitudes para com a situação imediata não poderia oferecer um melhor ângulo de abordagem à prevenção das neuroses.

Retornemos agora aos sintomas. Estes criam, portanto, um substituto da satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a épocas de desenvolvimento anteriores, regressão a que necessariamente se vincula um retorno a estádios anteriores de escolha objetal ou de organização. Descobrimos, há algum tempo, que os neuróticos estão ancorados em algum ponto do seu passado;¹ agora sabemos que esse ponto é um período do seu passado, no qual sua libido não se privava de satisfação, no qual eram felizes. Buscam na história de sua vida, até encontrarem um período dessa ordem, ainda que tenham de retroceder tanto, que atinjam a época em que eram bebês de colo — tal como dela se lembram ou a imaginam, a partir de indícios posteriores. De algum modo, o sintoma repete essa forma infantil de satisfação, deformada pela censura que surge no conflito, via de regra transformada em uma sensação de sofrimento e mesclada com elementos provenientes da causa precipitante da doença. O tipo de satisfação que o sintoma consegue, tem em si muitos aspectos estranhos ao sintoma.

Podemos desprezar o fato de que o sintoma se constitui em algo irreconhecível para o indivíduo que, pelo contrário, sente a suposta satisfação como sofrimento e se queixa deste. Essa transformação é uma função do conflito psíquico sob pressão, do qual o sintoma veio a se formar. Aquilo que para o indivíduo, em determinada época, constituía uma satisfação, na realidade passa, hoje, necessariamente a originar resistência e repugnância. Conhecemos bem um modelo banal, porém instrutivo, de uma tal mudança de atitude. A mesma criança que em determinada época sugava com avidez o seio materno, alguns anos depois, provavelmente, mostrará uma intensa aversão a tomar leite, o que causa dificuldades na sua criação. A aversão aumenta até à repugnância, no caso de se formar uma película sobre o leite ou sobre a mistura que contenha leite. Talvez não possamos excluir a possibilidade de a película re-

¹ [Ver, por exemplo, o início da Conferência XVIII, pág. 323, acima.]

viver a lembrança do seio materno, outrora tão ardentemente desejado. Entretanto, entre as duas situações coloca-se a experiência do desmame, com seus efeitos traumáticos.

Existe algo mais, além disso, que faz com que os sintomas nos pareçam estranhos e incompreensíveis como meio de satisfação libidinal. Eles não se parecem absolutamente com nada de que tenhamos o hábito de normalmente auferir satisfação. Em geral, eles desprezam os objetos e, com isso, abandonam sua relação com a realidade externa. Podemos verificar que esta é uma conseqüência de se haver rejeitado o princípio de realidade e se haver retornado ao princípio de prazer. Também é, contudo, um retorno a um tipo de autoerotismo difuso, do tipo que proporcionava o instinto sexual nas primeiras satisfações. Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo: estabelecem um ato interno em lugar de um externo, uma adaptação em lugar de uma ação — uma vez mais, algo que corresponde, filogeneticamente, a uma regressão altamente significativa. Isto somente compreenderemos em conexão com algo novo que ainda teremos de aprender das pesquisas analíticas da formação dos sintomas. Ademais, devemos lembrar que os mesmos processos pertencentes ao inconsciente têm seu desempenho na formação dos sintomas, tal qual o fazem na formação dos sonhos — ou seja, condensação e deslocamento. Um sintoma, tal qual um sonho, representa algo como já tendo sido satisfeito: uma satisfação à maneira infantil. Mediante uma condensação extrema, porém, essa satisfação pode ser comprimida em uma só sensação ou inervação, e, por meio de um deslocamento extremo, ela pode se restringir a apenas um pequeno detalhe de todo o complexo libidinal. Não é de causar surpresa se também nós, muitas vezes, temos dificuldade em reconhecer num sintoma a satisfação libidinal, de cuja presença suspeitamos e que invariavelmente se confirma.

Eu os avisei de que ainda tínhamos algo novo para aprender; trata-se realmente de algo surpreendente e desconcertante. Por meio da análise, conforme sabem, partindo dos sintomas chegamos ao conhecimento das experiências infantis, às quais a libido está fixada e das quais se formam os sintomas. Pois bem, a surpresa reside em que essas cenas da infância nem

sempre são verdadeiras. Com efeito, não são verdadeiras na maioria dos casos, e, em alguns, são o oposto direto da verdade histórica. Conforme os senhores verão, essa descoberta está fadada, mais que qualquer outra, a desacreditar tanto a análise, que chegou a tal resultado, como os pacientes, em cujas declarações se fundamentam a análise e todo o nosso entendimento das neuroses. Existe, contudo, mais alguma coisa singularmente desconcertante em tudo isso. Se as experiências infantis trazidas à luz pela análise fossem invariavelmente reais, deveríamos sentir estarmos pisando em chão firme; se fossem regularmente falsificadas e mostrassem não passar de invenções, de fantasias do paciente, seríamos obrigados a abandonar esse terreno movediço e procurar salvação noutra parte. Mas, aqui, não se trata nem de uma nem de outra coisa: pode-se mostrar que se está diante de uma situação em que as experiências da infância construídas ou recordadas na análise são, às vezes, indiscutivelmente falsas e, às vezes, por igual, certamente corretas, e na maior parte dos casos são situações compostas de verdade e de falsificação. Às vezes, portanto, os sintomas representam eventos que realmente ocorreram, e aos quais podemos atribuir uma influência na fixação da libido, e, por vezes, representam fantasias do paciente, não talhadas para desempenhar um papel etiológico. É difícil achar uma saída nesses casos. Talvez possamos iniciar por uma descoberta semelhante — ou seja, a de que lembranças infantis isoladas, que as pessoas têm possuído conscientemente desde os tempos imemoriais e antes que houvesse qualquer coisa semelhante à análise [pág. 240, acima], podem igualmente ser falsificadas, ou, pelo menos, podem combinar verdade e adulteração, em abundância. No caso destas, raramente existe qualquer dificuldade em demonstrar sua inexatidão; assim, ao menos temos a garantia de saber que a responsabilidade por esse inesperado desapontamento não está na análise, e sim, de algum modo, nos pacientes.

Após alguma reflexão facilmente poderemos entender o que é que existe nessa situação que tanto nos confunde. É o reduzido valor concedido à realidade, é a desatenção à diferença entre realidade e fantasia. Somos tentados a nos sentir ofendidos com o fato de o paciente haver tomado nosso tempo com histórias inventadas. A realidade parece-nos ser algo como um mundo separado da invenção, e lhe atribuímos um valor

muito diferente. Ademais, também o paciente enxerga as coisas por esse prisma, em seu pensar normal. Quando apresenta o material que conduz desde os sintomas às situações de desejo modeladas em suas experiências infantis, ficamos em dúvida, no início, se estamos lidando com a realidade ou com fantasias. Posteriormente, determinadas indicações nos possibilitam chegar a uma conclusão, e nos defrontamos com a tarefa de transmiti-la ao paciente. Isto, porém, invariavelmente causa dificuldades. Se começarmos por dizer-lhe diretamente que agora está disposto a trazer à luz as fantasias com as quais deturpou a história de sua infância (assim como toda nação adultera sua pré-história esquecida, construindo lendas), podemos observar que o interesse do paciente em continuar a desenvolver o assunto subitamente diminui de uma forma indesejável. Ele, também, quer experimentar as situações reais e desdenha tudo aquilo que é simplesmente 'imaginário'. Todavia, se até a conclusão dessa parte do trabalho o deixarmos na crença de que estamos ocupados em investigar os eventos reais de sua infância, corremos o risco de, posteriormente, ele acusar-nos de estarmos equivocados e de rir-se de nós, por nossa aparente credulidade. Levará um bom tempo até poder assimilar a nossa proposição de que podemos igualar fantasia e realidade; e não nos importaremos, em princípio, com qual seja esta ou aquela das experiências da infância que estão sendo examinadas. Ademais, esta é, evidentemente, a única atitude correta a adotar para com esses produtos mentais. Também eles possuem determinada realidade. Subsiste o fato de que o paciente criou essas fantasias por si mesmo, e essa circunstância dificilmente terá, para a sua neurose, importância menor do que teria se tivesse realmente experimentado o que contém suas fantasias. As fantasias possuem realidade *psíquica*, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.*

Entre as ocorrências que aparecem repetidamente na história dos anos iniciais da vida dos neuróticos — recordações que raramente estão ausentes — existem algumas de especial importância, as quais, por esta razão, penso, merecem maior relevo que o restante. Como exemplos dessa categoria, enumeramos as seguintes: observação do coito dos pais, sedução por

um adulto e ameaça de ser castrado. Seria um erro supor que essas recordações nunca se caracterizam pela realidade material; ao contrário, amiúde esta é comprovada de modo incontestante por meio de indagação junto a membros mais velhos da família do paciente. Por exemplo, não é nada raro que um menininho que começa a brincar de modo arteiro com seu pênis e ainda não tem noção de que se deve esconder tal atividade, seja ameaçado, por um dos pais ou pela babá, de lhe serem cortados o pênis ou a mão pecaminosa. Os pais, quando lhes perguntam a esse respeito, admitem haver-se passado esse fato, pois pensam haver realizado algo de útil ao fazerem tal ameaça; numerosas pessoas têm uma memória consciente correta de tal ameaça, sobretudo se foi feita em período um tanto posterior. Quando a ameaça parte da mãe, ou de alguma outra pessoa do sexo feminino, esta geralmente diz que sua execução ficará a cargo do pai — ou do médico. Em *Struwwelpeter*, a famosa obra de Hoffmann, pediatra de Frankfurt, (a qual deve sua popularidade justamente à compreensão dos complexos sexuais e de outros complexos da infância), os senhores verão a castração atenuada em amputação dos polegares, como castigo pela obstinação em sugá-los. É altamente improvável, porém, que as crianças sejam ameaçadas com castração com tanta frequência como aparece na análise de neuróticos. É-nos suficiente perceber que a criança, em sua imaginação, capta uma ameaça desse tipo, com base em indícios e com a ajuda de um vago conhecimento de que a satisfação auto-erótica lhe é proibida, e sob a impressão de sua descoberta dos genitais femininos. [Cf. pág. 370, acima.] Não apenas em famílias proletárias é perfeitamente possível que uma criança, enquanto ainda não se julga possuir compreensão ou memória, seja testemunha do ato sexual dos pais ou de outras pessoas adultas; e não se pode rejeitar a possibilidade de que a criança será capaz de entender e reagir a essa impressão *retrospectivamente*. Se, entretanto, o coito é descrito em seus mínimos detalhes, os quais seriam difíceis de observar, ou como sucede muito amiúde, se se revela como sendo um coito por trás, *more ferarum* [à maneira dos animais], não pode subsistir qualquer dúvida de que a fantasia se baseia numa observação do coito de animais (como o de cães) e que o motivo foi a escopofilia insatisfeita da criança, durante a puberdade. O máximo de realização nesses assuntos

é uma fantasia de observar o coito dos pais quando a pessoa ainda era criança não nascida, no útero. As fantasias de ser seduzido encerram interesse especial, de vez que muito freqüentemente não são fantasias, mas recordações reais. Felizmente, apesar de tudo elas não são reais, como pareceu tantas vezes, no início, ser demonstrado pelas descobertas da análise. A sedução por uma criança de mais idade ou por alguém da mesma idade é ainda mais freqüente do que por um adulto; e, no caso de meninas, que relatam um evento dessa ordem na sua infância, no qual o pai figura com muita regularidade como o sedutor, não pode haver dúvida alguma quanto à natureza imaginária da acusação, nem quanto ao motivo que levou a formulá-la.¹ Uma fantasia de ser seduzido, quando não ocorreu sedução nenhuma, geralmente é utilizada por uma criança para encobrir o período auto-erótico de sua atividade sexual. Fantasmando retrospectivamente dentro dessas épocas mais primitivas um objeto desejado, a criança se poupa da vergonha de se haver masturbado. No entanto, os senhores não devem supor que o abuso sexual de uma criança por algum dos parentes masculinos mais próximos pertença inteiramente ao reino da fantasia. A maioria dos analistas terá tratado casos nos quais esses eventos foram reais e poderiam ser constatados inquestionavelmente; mesmo em tais casos, contudo, esses fatos se referiam a anos posteriores da infância e tinham sido transpostos para épocas mais precoces.

A única impressão que nos fica é esses eventos da infância serem de certo modo exigidos como uma necessidade, incluírem-se entre os elementos essenciais de uma neurose. Se ocorreram na realidade, não há o que acrescentar; mas, se não encontram apoio na realidade, são agregados a partir de determinados indícios e suplementados pela fantasia. O resultado é o mesmo, e, até o presente, não conseguimos assinalar, por qualquer diferença nas conseqüências, se foi a fantasia ou a

¹ [A esse respeito, cf. uma conferência posterior, com uma explanação adicional, no artigo de Freud sobre 'Sexualidade Feminina' (1913b), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XXI, págs. 273-4, IMAGO Editora, 1974. Uma história completa dos pontos de vista de Freud sobre esse assunto é exposta em uma nota de rodapé acrescentada pelo Editor inglês às *New Introductory Lectures* (1933a), *Standard Ed.*, 22, 120-1.]

realidade aquela que teve a participação maior nesses eventos da infância. Aqui, de novo temos simplesmente uma das relações complementares que mencionei tantas vezes; ela, principalmente, é a mais estranha de todas que já encontramos. De onde procede a necessidade dessas fantasias, e o material para elas? Não pode haver dúvida de que suas fontes situam-se nos instintos; contudo, está ainda por ser explicado por que sempre são geradas as mesmas fantasias com o mesmo conteúdo. Tenho pronta uma resposta, a qual sei que lhes parecerá audaciosa. Acredito que essas *fantasias primitivas*, como prefiro denominá-las, e, sem dúvida, também algumas outras, constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primitiva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia — sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) — foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica. Repetidamente tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses tem acumuladas em si mais antigüidades da evolução humana do que qualquer outra fonte.¹

As coisas que acabei de descrever, senhores, compelem-me a examinar mais de perto a origem e a significação da atividade mental que se classifica como 'fantasia' [ou 'imaginação'].² Conforme os senhores sabem, ela desfruta de uma reputação universalmente elevada, sem que sua posição na vida

¹ [Essa discussão sobre 'fantasias primitivas' e a possibilidade de elas serem herdadas, baseou-se, em grande parte, nas descobertas de Freud em seu caso clínico do 'Wolf Man' (1918b), que havia completado dois ou três anos antes. Quando veio a publicá-lo (no ano seguinte àquele em que esta conferência foi proferida), acrescentou duas longas passagens ao seu esboço original, remetendo-se à presente discussão. Cf. *Standard Ed.*, 17, 57-60 e 95-7.]

² [As principais discussões anteriores de Freud sobre fantasia serão encontradas em 'Creative Writers and Day-Dreaming' (1908e) e em 'Hysterical Phantasies and their Relation to Bisexuality' (1908a).]

mental tenha sido esclarecida. A seu respeito tenho observações a fazer. O ego humano, como sabem, é, pela pressão da necessidade externa, educado lentamente no sentido de avaliar a realidade e de obedecer ao princípio de realidade; no decorrer desse processo, é obrigado a renunciar, temporária ou permanentemente, a uma variedade de objetos e de fins aos quais está voltada sua busca de prazer, e não apenas de prazer sexual. Os homens, contudo, sempre acharam difícil renunciar ao prazer; não podem deixar-se levar a fazê-lo sem alguma forma de compensação. Por isso, retiveram uma atividade mental na qual todas aquelas fontes de prazer e aqueles métodos de conseguir prazer, que haviam sido abandonados, têm assegurada sua sobrevivência — uma forma de existência na qual se livram das exigências da realidade e aquilo que chamamos 'teste de realidade'.¹ Todo desejo tende, dentro de pouco tempo, a afigurar-se em sua própria realização; não há dúvida de que ficar devaneando sobre imaginárias realizações de desejos traz satisfação, embora não interfira com o conhecimento de que se trata de algo não-real. Desse modo, na atividade da fantasia, os seres humanos continuam a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, à qual há muito tempo renunciaram, na realidade. Idearam uma forma de alternar entre permanecer um animal que busca o prazer, e ser, igualmente, uma criatura dotada de razão. Na verdade, os homens não podem subsistir com a escassa satisfação que podem obter da realidade. 'Simplesmente não podemos passar sem construções auxiliares', conforme disse, certa vez, Theodor Fontane.² A criação do reino mental da fantasia encontra um paralelo perfeito no estabelecimento das 'reservas' ou 'reservas naturais', em locais onde os requisitos apresentados pela agricultura, pelas comunicações e pela indústria ameaçam acarretar modificações do aspecto original da terra que em breve o tornarão irreconhe-

¹ [Isto é, o processo de julgar se as coisas são reais ou não. As suas mais profundas decorrências são expostas na obra metapsicológica sobre sonhos (1917d), Edição Standard Brasileira, Vol. XIV, págs. 262-6, IMAGO Editora, 1974; para referências completas, ver Nota do Editor Inglês a essa obra, *ibid.*, págs. 250-1.]

² [Em sua novela *Effi Briest* (1895). Freud citou essa frase, em um contexto semelhante, no Capítulo II de *O Mal-Estar na Civilização* (1930a), Edição Standard Brasileira, Vol. XXI, pág. 93, IMAGO Editora, 1974.]

cível. Uma reserva natural preserva seu estado original que, em todos os demais lugares, para desgosto nosso, foi sacrificado à necessidade. Nesses locais reservados, tudo, inclusive o que é inútil e até mesmo nocivo, pode crescer e proliferar como lhe apraz. O reino mental da fantasia é exatamente uma reserva desse tipo, apartada do princípio de realidade.

As mais conhecidas produções da fantasia são os chamados 'devaneios', que já examinamos [pág. 122], satisfações imaginárias de desejos ambiciosos, megalomaniacos, eróticos, que florescem com tanto mais exuberância, quanto mais a realidade aconselha modéstia e contenção. A essência da felicidade da fantasia — tornar a obtenção de prazer, mais uma vez, livre da aprovação da realidade — mostra-se inequivocamente nesses desejos. Sabemos que tais devaneios são o núcleo e o protótipo dos sonhos noturnos. Um sonho noturno é, no fundo, nada mais do que um devaneio que se tornou aproveitável devido à liberação dos impulsos instintuais à noite, e devido ao fato de haver sido distorcido pela forma que assume a atividade mental à noite. Já nos familiarizamos com a idéia de que mesmo um devaneio não é necessariamente consciente — de que há também devaneios inconscientes [pág. 430]. Tais devaneios inconscientes são, assim, a fonte não apenas dos sonhos noturnos, mas também dos sintomas neuróticos.¹

A importância do papel que desempenha a fantasia na formação dos sintomas tornar-se-á evidente para os senhores através disso que tenho a dizer-lhes. Expliquei [pág. 420] como, em caso de frustração, a libido reveste de catexias, regressivamente, as posições que abandonou, às quais, porém, permaneceram aderentes determinadas parcelas da mesma libido. O que já expliquei, não retiro nem corrijo; porém, devo inserir, aqui, um elo de ligação. Como encontra a libido o caminho para chegar a esses pontos de fixação? Todos os objetos e tendências que a libido abandonou, ainda não foram abandonados em todos os sentidos. Tais objetos e tendências, ou seus derivados, ainda são mantidos, com alguma intensidade, nas fantasias. Assim, a libido necessita apenas retirar-se

¹ [Cf. uma longa nota de rodapé acrescentada por Freud, em 1920, ao terceiro de seus *Três Ensaio*s (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 232, IMAGO Editora, 1972.]

para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações reprimidas. Essas fantasias gozaram de determinado grau de tolerância: não entraram em conflito com o ego, por mais fortes que possam ter sido os contrastes entre eles, desde que seja observada uma certa condição. Essa condição é de natureza *quantitativa* e é agora perturbada pelo deslocamento da libido para trás, em direção às fantasias. Em consequência desse acréscimo, a catexia de energia das fantasias é de tal modo aumentada, que elas começam a estabelecer exigências e desenvolvem uma pressão no sentido de se tornarem realizadas. Mas isto torna inevitável um conflito entre elas e o ego. Tendo sido anteriormente pré-conscientes ou inconscientes, agora estão sujeitas a repressão por parte do ego e ficam à mercê da atração por parte do inconsciente. Partindo daquilo que, agora, são fantasias inconscientes, a libido movimentada-se para trás, até às origens dessas fantasias no inconsciente — aos seus próprios pontos de fixação.

A retração da libido para a fantasia é um estágio intermediário no caminho da formação dos sintomas e parece que ela requer um nome especial. C. G. Jung introduziu o nome apropriado de 'introversão'; mas depois, muito desacertadamente, deu-lhe também um outro significado.¹ Continuaremos a considerar que a introversão denota o desvio da libido das possibilidades de satisfação real e a hipercatexia² das fantasias que até então foram toleradas como inocentes. Um introverti-

¹ [Esse ponto havia sido exposto por Freud anteriormente, em uma nota de rodapé ao seu artigo 'A Dinâmica da Transferência' (1912b), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XII, pág. 136 n. 2, IMAGO Editora, 1976, na qual afirmou que Jung parece aplicar o termo 'introversão' exclusivamente à demência precoce. Nessa nota são dadas referências adicionais.]

² [Isto é, carregamento com uma carga extra de energia psíquica. Freud geralmente usava esse termo nesse sentido: por exemplo, em 'O Inconsciente' (1915e), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XIV, pág. 225, IMAGO Editora, 1974; *Além do Princípio de Prazer*, *ibid.*, Vol. XVIII, págs. 47-8, IMAGO Editora, 1976, e 'O Humor' (1927d), *ibid.*, Vol. XXI, págs. 193-4, IMAGO Editora, 1974. Por outro lado, algumas vezes aplicou-o mais especialmente à distinção entre idéias inconscientes e pré-conscientes: novamente em 'O Inconsciente', *ibid.*, Vol. XIV, págs. 222 e 230, IMAGO Editora, 1974, e no Capítulo IV do *Esboço* (1940a [1938]). Cf. também a Parte III, Seção I do 'Project' de 1895 (Freud, 1950a).]

do não é bem um neurótico, porém se encontra em situação instável: seguramente desenvolverá sintomas na próxima modificação da relação de forças, a menos que encontre algumas outras saídas para sua libido represada. O caráter irreal da satisfação neurótica e a desatenção à diferença entre fantasia e realidade já são, por outro lado, determinados pelo fato de ter havido uma demora no estágio de introversão.

Sem dúvida, terão observado que, nessas últimas explicações, introduzi um fator novo na estrutura da série etiológica — ou seja, a quantidade, a magnitude das energias em questão. Ainda temos de levar em conta esse fator em tudo o mais. Não basta uma análise puramente qualitativa dos determinantes etiológicos. Ou, expressando-o de outra maneira, é insuficiente uma visão simplesmente *dinâmica* desses processos mentais; requer-se também uma linha de abordagem *econômica*. Devemos dizer para nós mesmos que o conflito entre duas tendências não irrompe senão quando foram atingidas determinadas intensidades de catexias, ainda que por muito tempo tenham estado presentes os fatores determinantes do conflito e referentes ao seu próprio tema. Da mesma forma, a significação patogênica dos fatores constitucionais deve ser avaliada em relação ao quanto *mais* de um instinto parcial, do que de outro, está presente na disposição herdada. Pode-se mesmo supor que a disposição de todos os seres humanos é qualitativamente semelhante e apenas difere em virtude dessas condições quantitativas. O fator quantitativo não é menos decisivo no que respeita à capacidade de resistência à doença neurótica. É uma questão de saber *que quota* de libido não-utilizada uma pessoa é capaz de manter em suspensão, e uma questão do *tamanho da fração* de libido que a pessoa é capaz de desviar dos fins sexuais para os fins sublimados. O objetivo fundamental da atividade mental, que pode ser descrito qualitativamente como um esforço para obter prazer e evitar desprazer quando examinado do ponto de vista econômico, surge como tarefa que consiste em dominar as quantidades de excitação (massa de estímulos) que atuam no aparelho mental e em conter sua acumulação, capaz de gerar desprazer.¹

¹ [Aqui parece que Freud iguala o 'princípio de prazer' ao 'princípio de constância', embora na passagem anterior, acima (pág. 416 e

Era isto, pois, o que eu desejava dizer-lhes acerca da formação dos sintomas nas neuroses. Não posso, contudo, deixar de mais uma vez acentuar expressamente o fato de que tudo aquilo que disse, aqui, aplica-se apenas à formação dos sintomas na histeria. Na própria neurose obsessiva existe muita coisa diferente — excetuando aspectos fundamentais que permanecem inalterados — que será encontrada. As anticatexias que se opõem às exigências dos instintos (que também já abordamos, no caso da histeria [pág. 421]) tornam-se proeminentes na neurose obsessiva e dominam o quadro clínico, assumindo a forma daquilo que se conhece como 'formações reativas'. Nas demais neuroses descobrimos divergências semelhantes e de maior profundidade ainda, e nelas nossas investigações dos mecanismos de formação dos sintomas ainda não estão concluídas em ponto algum.

Antes de deixá-los ir, gostaria, contudo, de chamar-lhes um pouco mais a atenção para um aspecto da vida de fantasia que merece o mais amplo interesse. Isto porque existe um caminho que conduz da fantasia de volta à realidade — isto é, o caminho da arte. Um artista é, certamente, em princípio um introvertido, uma pessoa não muito distante da neurose. É uma pessoa oprimida por necessidades instintuais demasiado intensas. Deseja conquistar honras, poder, riqueza, fama e o amor das mulheres; mas faltam-lhe os meios de conquistar essas satisfações. Conseqüentemente, assim como qualquer outro homem insatisfeito, afasta-se da realidade e transfere todo o seu interesse, e também toda a sua libido, para as construções, plenas de desejos, de sua vida de fantasia, de onde o caminho pode levar à neurose. Sem dúvida, deve haver uma convergência de todos os tipos de coisas, para que tal não se torne o resultado completo de sua evolução; na verdade, sabe-se muito bem com quanta freqüência os artistas, em especial, so-

seg.), onde se mencionou rapidamente esse assunto, haja indício de dúvida a esse respeito. Em data posterior, estabeleceu nítida distinção entre os dois (ver Freud, 1924c, Edição *Standard* Brasileira, Vol. XIX, págs. 199-201, IMAGO Editora, 1976). Uma explanação completa da evolução dos pontos de vista de Freud sobre esses dois princípios é fornecida em nota de rodapé acrescentada pelo Editor inglês a 'Os Instintos e suas Vicissitudes' (1915c), *ibid.*, Vol. XIV, pág. 141, IMAGO Editora, 1974.]

frem de uma inibição parcial de sua eficiência devido à neurose. Sua constituição provavelmente conta com uma intensa capacidade de sublimação e com determinado grau de frouxidão nas repressões, o que é decisivo para um conflito. Um artista encontra, porém, o caminho de retorno à realidade da maneira expressa a seguir. A dizer a verdade, ele não é o único que leva uma vida de fantasia. O acesso à região equidistante da fantasia e da realidade é permitido pelo consentimento universal da humanidade, e todo aquele que sofre privação espera obter dela alívio e consolo. Entretanto, para aqueles que não são artistas, é muito limitada a produção de prazer que se deriva das fontes da fantasia. A crueldade de suas repressões força-os a se contentarem com esses estereis devaneios aos quais é permitido o acesso à consciência. Um homem que é um verdadeiro artista, tem mais coisa à sua disposição. Em primeiro lugar, sabe como dar forma a seus devaneios de modo tal que estes perdem aquilo que neles é excessivamente pessoal e que afasta as demais pessoas, possibilitando que os outros compartilhem do prazer obtido nesses devaneios. Também sabe como abrandá-los de modo que não traiam sua origem em fontes proscritas. Ademais, possui o misterioso poder de moldar determinado material até que se torne imagem fiel de sua fantasia; e sabe, principalmente, pôr em conexão uma tão vasta produção de prazer com essa representação de sua fantasia inconsciente, que, pelo menos no momento considerado, as repressões são sobrepujadas e suspensas. Se o artista é capaz de realizar tudo isso, possibilita a outras pessoas, novamente, obter consolo e alívio a partir de suas próprias fontes de prazer em seu inconsciente, que para elas se tornaram inacessíveis; granjeia a gratidão e a admiração delas, e, dessa forma, *através de* sua fantasia conseguiu o que originalmente alcançara apenas *em* sua fantasia — honras, poder e o amor das mulheres.¹

¹ [Cf. 'Creative Writers and Day-Dreaming' (1908e), *Standard Ed.*, 3, 153; a quinta das *Cinco Lições* de Freud (1910a), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XI, pág. 55, IMAGO Editora, 1970; 'Dois Princípios do Funcionamento Mental' (1911b), *ibid.*, Vol. XII, pág. 284, IMAGO Editora, 1976; e a Seção II (F) de sua contribuição a *Scientia* (1913d), *ibid.*, Vol. XIII, págs. 222-3, IMAGO Editora, 1974.]